



BIBLIOTECAS
DE LISBOA

A PAVANA: registo semanal d'impressões e commentários (Lisboa, 1914) – Revista de crítica, geralmente sarcástica ou irónica, sobre notícias contemporâneas político-sociais. Presumimos que o cariz da sua linguagem, por vezes próxima da de um *pasquim* tenha sido a causa da sua coleção ser constituída por apenas três números, impressos em 18 de abril, 2 de maio e 9 de maio de 1914. Em formato de “caderno de anotações”, este periódico apresenta entradas datadas como títulos dos textos de **Albertino da Silva, seu diretor e único colaborador – um livre-pensador**.

Nas primeiras páginas da revista, aparece a “Casa Editora” e **Papelaria Matheus** como responsável pela sua composição e impressão, sita na Rua Augusta, 178, em Lisboa. Mas, nas contracapas exteriores da publicação, a editora aparece com o nome de **Livraria Matheus** repetindo o anúncio “Assignaturas d’A Pavana”, nas quais informa o preço por “**cada série de 24 números (pagamento adiantado): 1200 réis**”; também inclui o preço de “**cada número avulso: 50 réis**”, e previne os assinantes da cobrança “pelo correio” da 1.^a série d’A Pavana, o que sugere a continuação da revista. A não ser que, por causa das duas Leis da Censura promulgadas pela presidência de Manuel de Arriaga (a 9 e 12 de julho de 1912), Albertino da Silva e a editora decidissem, complementarmente, editar um livro, ainda em 1914. Assim, de título quase igual, apenas mudando a palavra “impressões” para “Investigações”, encontra-se na Biblioteca Nacional de Portugal, a monografia: **A Pavana: Registo Semanal d’Investigações e Commentários**¹.

A abrir esta revista não ilustrada, temos o texto: “**A Pavana: das razões explicatorias d’este título**” no qual, ao longo de seis páginas de retórica, define-se o título principal: “**a Pavana é d’aquelles raros nomes, verdadeiras synteses falantes, que adensam e corporizam num som todo o ruído d’um mundo**” [N.º 1, p. 3]; contextualiza-se: “**ouvem-se telingar as notas do cravo sobre o rumorejo discreto do salão, aparições brancas de sylphides caudadas pespassam regias, circumpairam no ambiente redolencias acres de toucador, pelos damascos muraes desenham-se, em silhuetas fugazes, os instantâneos da contumélia, as quebreiras de dorso mesureiro, genuflexões de etiqueta [...], os pares balouçam, deslisam**” (N.º 1, p. 7). Em contraponto, o autor mostra que tem consciência da situação das outras classes sociais e comenta: “**Cá fora, na noite, bordejando os squares e os passeios, erram agonicos de frio os maltrapidos do fado, dentes famélicos rechinando um dies irae de fome, e no peito o ulular cavo de revoltas embryonarias, pre-bakouninas**”² (N.º 1, p. 8).

¹Ver: <http://catalogo.bnportugal.pt/>

² Referência ao russo M. A. Bakunin (1814-1876). Esta personalidade foi militar, filósofo, revolucionário, mais conhecido por teórico anarquista.

Fazemos aqui um aparte para citar alguns significados de “Pavana: dança de sala, muito usada nos séculos XVI, XVII e XVIII. [...] Música, que acompanhava essa dança. Descompostura. Sova [...]”³.

PROGRAMA EDITORIAL E CRÍTICA

Na segunda parte do primeiro texto, revela-se o espírito do programa editorial da revista, a qual pretende-se que seja **“revivescida e moderna”**. O seu autor confessa que permite-se **“idear um processo de expiação, assáz cadburyano,**⁴ o mesmo vale dizer humanitário, qual seja o de **convidar à valsa os pitorescos figurões meus conterrâneos**, ribaldeiros famosos alguns, estampas simplesmente hilares outros, mas muitíssimos, verdadeiros bandidos de genio” (N.º 1, pp. 8-9).

Depois de outro espaço no mesmo texto, é que se vai *fazer jus* aos significados de “pavana” e “sovar” personalidades e grupos profissionais portugueses. Atento ao ambiente social que observa, o autor dirige-se aos leitores, alertando-os: “estão a vêr como se faz mister adaptar aos hábitos e vida profissional de tal individuo, **um passo de dança** coadunável a sua feitura, ainda que às vezes possa adregar imiscuírem-se no **mesmo rodopio, os frandunos de bordel, por exemplo, que vadiam pelo Bairro Alto, e os frandunos da política que amodorraram no Martinho**”⁵ (N.º 1, p. 10).

Segue-se a **“fina flor militar”** a dançar **“o fandango”** ecoando, maldosamente, o que as “más lingoas rumorejam por ahi, em commento aos lanços políticos d’ultimos tempos, que **mal poderá alguma vez defender o brio e a honra da pátria**” (N.º 1, pp. 11-12). Continua-se com os **“politiquetes d’officio e ganha-pão”**, cuja “dança que melhor se adapta a seus hábitos de endrómina, já adivinharam, **é o vira** [...], a mostrar bizzarrias de movimentação, e **a governar-se, que diabo!** [...], não desfitando olhos, todas as manhãs, da flexa politica que lhes aponta as monções de interesse, e lhes diz **que botas de chefe hão-de lustrar, a que amigos convem dar a mão**”, satiriza o autor (N.º 1, pp. 12-13). Por fim, aos **“divinos artistas”** portugueses, atribui-se-lhes a dança do **“fado chulipa”**, porque atiram **“poeira d’ouro aos olhos da fama**, pela lesteza de movimentos, simulações, arteirice, e mais partes que se aglobam no vosso talento de dolorosos contemplativos”, e também “os architectos cujo genio rebrilha na **imortal esthetica das novas avenidas de Lisboa**”⁶ são ironicamente, criticados pelo autor. (N.º 1, p. 14).

³ “Pavana”- In *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*. Vol. XX, Lisboa-Rio de Janeiro: Editorial Enciclopédia, 1978, p. 686.

⁴ O vocábulo “cadburyano” significa, ironicamente, “adocicado” pois remete para a empresa britânica *Cadbury*, fundada em 1824 e hoje ainda existente, fabricando confeitos e chocolates. Ver: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Cadbury>

⁵ O autor refere-se ao *Café Martinho* (1846-1968) da ex-Praça Camões (atrás do Teatro D. Maria II), onde se juntavam muitas personalidades que criticavam a política nacional. Ver: <http://revelarlx.cm-lisboa.pt/gca/?id=1127>

⁶ Sobre o projeto do arquiteto Ressano Garcia (1847-1911) “Da avenida do Passeio Público ao Campo Grande” (1877), conhecido por “avenidas novas de Lisboa” e que começou na abertura da Avenida da Liberdade, inaugurada em 1886. Diz-se, que a destruição do “Passeio Público” (1879) data o fim da “Lisboa romântica”. Ver: <http://revelarlx.cm-lisboa.pt/gca/?id=1401>

Outro espaço, e agora faz-se uma crítica machista “às senhorinhas conterrâneas [pois] está-lhes evidentemente pulando o pé adorável por virem a terreiro”, lembrando-lhes o autor: **“que fizeste da virtude?”** (N.º 1, pp. 16-17).

Por fim, termina-se o programa da *Pavana* que **“já ia tomando ares de Tractado pratico de dança”**, confessa o autor e, mais escreve não se preocupar com a sua popularidade, pois **“far-se-á o que em linguagem grossa se chama justiça de cacete”** (N.º 1, pp. 17-18).

CONTEXTO HISTÓRICO PORTUGUÊS

No início de 1914 encontramos o presidente da República Manuel Arriaga a apoiar uma política partidária de conciliação nacional chefiada pelo Governo de Afonso Costa. Esta solução não se concretiza e é nomeado **em 9 de fevereiro, um novo Governo de Bernardino Machado, o qual durará até 23 de junho de 1914**, apesar de ser extrapartidário e propor tréguas aos monárquicos, sindicalistas e católicos. Em sequência **é concedida “amnistia” aos monárquicos e outros presos acusados de crimes sociais**, em 22 de fevereiro de 1914. No mês seguinte, em março de 1914, o Congresso da República aprova, na generalidade, a **Lei de Separação do Estado das Igrejas**. Curiosamente, **em abril de 1914** e em oposição ao republicanismo vigente, **forma-se a Junta Central do Integralismo Lusitano (1914-1932)** – organização monárquica e nacionalista. Perguntamos nós: será coincidência que a revista *A Pavana*, também surja em abril de 1914?

ESTRUTURA GRÁFICA

Estruturalmente, a revista é impressa em texto corrido, os conteúdos são datados mas não ilustrados, apenas encontramos vinhetas floridas como separação de textos ou no início de páginas. De 19 cm de dimensão, a revista apresenta um formato fixo. Graficamente, as *primeiras páginas* e todas as 32 páginas numeradas de cada número, apresentam-se em cor sépia. Apenas as capas e as contracapas exteriores dos três números da publicação são impressas em papel de cor encarnada.

Os únicos elementos informativos da revista anunciam-se nas capas e repetem-se nas *primeiras páginas*: Albertino da Silva é o primeiro, como se fosse o autor de um livro; seguem-se o título em letra maiúscula e a bold, o subtítulo, a numeração do exemplar, a data completa e a editora. Na segunda página de cada número, lê-se o “Sumário”, só com os tópicos dos conteúdos, sem paginação das entradas datadas.

Referimos ainda, cada número da revista: o n.º 1, além do original “programa editorial” e demais comentários, apresenta duas entradas datadas de 15 e 16 de abril e é impresso a 18 de abril de 1914; o n.º 2 inclui três entradas datadas de 20, 21 de abril e repete a de 20 de abril com novo assunto, sendo impresso a 2 de maio de 1914; o n.º 3 é formado por duas entradas com as datas de 4 e 6 de maio e vem a lume, pela última vez, a 9 de maio de 1914. Quanto à sua periodicidade, como podemos constatar, apenas os dois últimos números da revista são semanais, como consta do seu subtítulo.

CONTEÚDOS

“**Quarta-feira, 15 d’abril**” é a primeira entrada da revista. Nela, Albertino da Silva, depois de observar os “typos” sociais da cidade, regista que “**Lisboa – diga-se a palavra – tem cara de fome**”, mencionando as causas, estende os seus comentários para “**um povo de tuberculosos**” pelo “paíz fóra” e retratado em fotografias *Kodak*⁷. Depois questiona: “**como é possível que em Portugal tenham germinado tão avultado numero de grandes cérebros, como os que semana a semana, ou pouco menos, se sucedem na governança do paiz?**” E termina esta data, acusando os governantes que “em expiação d’um desleixo que é cobardia, d’um silencio que é crime, d’um sonno que é suicídio, esse paíz, hoje, - chora de fome! (N.º 1, pp. 18-28).

Na outra entrada “**Sexta-feira, 16 d’abril**” (errata: o correto dia da semana é quinta-feira), o autor refere o caso de um “**jesuíta moribundo**” que se encontrava em *La Guardia*, Espanha e que queria morrer nos Açores, onde tinha nascido. Tudo por causa de um pedido da família que é debatido na *Câmara dos Deputados*, chegando a ser **notícia durante seis dias, na Primeira Página do jornal A Capital**⁸. A propósito, o autor refere que as leis republicanas anti-jesuítas não devem ser aplicadas neste caso, e chama uma “bambocha innobil” à sessão parlamentar, e que até “**o chefe de governo, sr. Machado**” declarou que “**ou o padre entra ou elle sae**” (N.º 1, pp. 29-32).

O n.º 2 abre com a “**Segunda-feira 20 d’abril**” e menciona que “**A Sociedade Nacional de Bellas Artes vem expondo, na sua barraca da rua Barata Salgueiro, as maquettes de concurso para o monumento ao Marquez**” [de Pombal]. Acrescentamos que esta exposição, inaugurada a 16 de abril de 1914, ficou ali patente até 26 de abril de 1914. O autor admira-se da “**insólita romagem**” dos visitantes e mais, que a contemplação de todos visava o segundo prémio. **Critica-se o primeiro prémio** por “pesado como uma torre de menagem castellã, assymetrico de proporções, **hybrido d’estylos, o que rasteiramente apelidamos salgalhada**”; satiriza-se o “leão, sentado junto ao marquez, como se o ministro devesse ser consagrado por seus arrosos de domador”; pasquina-se o **jury** que “**não visou proteger e galardoar as artes, mas galardoar e proteger amigos**”, e menciona-se o valor do 1.º prémio: “três contos de réis” (N.º 2, pp. [3] -15).

Em “**Terça-feira, 21 d’abril**”, o assunto é o **4º Congresso Pedagógico** que aconteceu entre 15 e 19 de abril de 1914, com encerramento na Sociedade de Geografia de Lisboa. Albertino da Silva resume-o a “**uma semana de parlenda pedagógica e romarias por casas d’ensino [...], trauteios políticos do ministro Machado**”; critica-se o “esperdício de palavras e tempo [...] espanejando turismo barato”; retratam-se e criticam-se os “sympathicos mestres-escola”. Depois, cita-se o pasmo de todos os presentes por o “**chefe do governo achar necessária a republicanização do paíz e dizer que essa**

⁷ Menção à máquina *Kodak*, à venda desde 1888 por G.Eastman: “Você aperta o botão, nós fazemos o resto”. In http://www.kodak.pt/ek/PT/pt/About_Kodak/Our_Company/Histoire_de_Kodak.htm

⁸ Ver “Camara dos Deputados” n’ *A Capital* (1910-1938), de 16 a 21 de abril de 1914, [p.1], em: http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/Periodicos/ACapital/1914/Abril/Abril_item1/P61.html

missão competia á escola” e, ironicamente, questiona-se **“mas quem, primeiro, republicanizará a escola?”** Mais à frente, perante a intenção de **“reformular tudo”**, faz-se uma crítica acérrima ao referir-se que em **“centenas de povoações faz falta uma simples barraca para aula”** além de **“milhares de alunos sem livros e milhões sem um pedaço de pão com que se desdejuem”**(sic).

Novo espaço e o texto recomeça com a descrença do autor em quaisquer congressos ou assembleias, criticando as utopias, a vaidade e a **“ambição d’uma ponte sobre o Tejo”**. E termina, afirmando que **“sendo Portugal um paiz de basofia, não é, por acaso, um paiz de dinheiro”** (N.º 2, pp. 15-26).

A finalizar o segundo número, repete-se a data da primeira entrada, **“Segunda-feira 20 d’abril”**, para discutir as comemorações do 3.º aniversário da **Lei de Separação** [Estado da Igreja]. O autor alvitra que **“tal Lei representa a maior calinada sociológica que jámais legisladores portugueses deram de si”**; é contra a **“confraria do Registo”** [Civil] e a **“malta do Grande Oriente”** [Maçonaria]; lembra o saque das peças religiosas que esta lei permitiu; critica a **“propaganda anarchica, atheisante”** e ironiza ao dizer que **“elles tem o seu ídolo Affonso Costa** por cujo aprazimento se dão parabens e vão fogueateando no aniversário do 20” (N.º 2, pp. 26-32).

No terceiro número da revista, em **“Segunda-feira 4 de maio”**, o leitor é que é surpreendido pela invulgar história da **TRAILHEIRA**, caracterizada como a **“profissional gatuna Virginia Augusta”** (N.º 3, pp. [3] - 22).

A última entrada da revista, **“Quarta-feira, 6 de maio”**, corresponde a um texto com três partes sobre o Brasil. O autor começa por referir a **“viagem triumphal”** do novo Embaixador do Brasil [Dr. Regis d’Oliveira], de quem se fala desde 22 de abril, data da entrega das credenciais oficiais; diz que a **“brasilofilia, ou a paixão pelo Brazil, é hoje da moda em terra portugueza”**, critica a falta de resultados práticos em exportar para lá produtos nacionais; fala da caricatura dos **“nossos políticos com taes manifestações ao Brazil a fazerem politica republicana”**, além da homenagem organizada. Segue-se uma crítica atroz aos **“jornalistas portugueses”** por serem **“o grosso dos trabalhadores da imprensa no Brazil”** e que **“entraram ao officio, pela qualidade recomendatória de não saberem portuguezes”** adaptando-se à **“dicção carioca”**; satirizam-se os conferencistas portugueses **“rés-vés d’analfabetos** que em Lisboa não ousariam fallar na associação dos Caixeiros” e critica-se a falta de qualidade das **“troupes de teatro”** portuguesas que atuam no Brasil.

Inesperadamente, o autor elogia a indulgência brasileira que ganha **“direitos d’eterna festejada”**, e relembra a exuberante natureza do Brasil. Mas, o término da revista é pessimista, a impressão do autor e que é este país possui **“um vicio d’origem [que] lhe galopa no sangue e que o infelicitou para a vida dos séculos, um acaso da História: - ter nascido portuguezes”** (N.º 3, pp. 22-32).

De Albertino da Silva, o autor de *A Pavana*, não encontramos qualquer biografia. Deduzimos, pelo exposto nesta publicação, ser uma personalidade culta, nacionalista, de crença religiosa e antimaçónico. Mais, **que se encontra desiludido com o republicanismo portuguezes ao fim de quatro anos**. Também é notório o seu humanismo e a sua posição contra a corrupção

política que então grassava em Portugal, poucos meses antes da eclosão da I Guerra Mundial.

Por Helena Roldão
Lisboa, HML, 12 de Agosto de 2014.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

FRANCO, Graça – *A Censura à Imprensa (1820-1974)*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1993.

Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira, Vol. XX. Lisboa-Rio de Janeiro: Editorial Enciclopédia, 1978.

RODRIGUES, António Simões (Coord.) – *História de Portugal em Datas*. Lisboa: Temas e Debates (4.^a Ed), 2007.

Vv. – “Ressano Garcia e o Crescimento da Cidade: Centenário (1911-2011) ”/ GEO [Catálogo]. Lisboa: CML / IM, 2011.

MATTOSO, José – *História de Portugal*. Lisboa: Círculo de Leitores, 1994.